



# GENIUS LOCI LUGARES E SIGNIFICADOS PLACES AND MEANINGS

VOLUME 3

COORD.  
LÚCIA ROSAS  
ANA CRISTINA SOUSA  
HUGO BARREIRA



CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



GENIUS LOCI  
LUGARES E SIGNIFICADOS  
PLACES AND MEANINGS

COORD.  
LÚCIA ROSAS  
ANA CRISTINA SOUSA  
HUGO BARREIRA

VOLUME 3

Os textos publicados foram sujeitos a revisão científica anónima.

## Revisores científicos

- volume 1** Ana Cristina Sousa  
Celso Francisco dos Santos  
Maria Leonor Soares  
Lúcia Rosas  
Pedro Borges de Araújo  
Mário de Sousa Cunha  
Manuel Joaquim Moreira da Rocha  
Sérgio Rodrigues
- volume 2** Alice Duarte  
Alice Semedo  
Ana Cristina Sousa  
Andreia Arezes  
Celso Francisco dos Santos  
José Ramiro Marques de Queirós Gomes Pimenta  
Lúcia Rosas  
Paula Menino Homem  
Mário Jorge Barroca  
Nuno Resende  
Sérgio Rodrigues  
Teresa Soeiro  
Virgílio Lopes
- volume 3** António Ponte  
David Ferreira  
Luís Raposo  
Maria Leonor Botelho  
Paula Menino Homem  
Pedro Borges de Araújo  
Teresa Cunha Ferreira  
Virgílio Correia

Título: *Genius Loci: lugares e significados* | *places and meanings – volume 3*

Coordenação: Lúcia Rosas; Ana Cristina Sousa; Hugo Barreira

Fotografia da capa: *Figura antropomórfica oculada* – Regato das Bouças, Serra de Passos, St.ª Comba, Portugal.  
Adaptado por Marzia Bruno e Fuselog.

Design gráfico: Helena Lobo | [www.hldesign.pt](http://www.hldesign.pt)

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ISBN: 978-989-8351-90-6

Depósito Legal: 434992/17

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | [www.sersilito.pt](http://www.sersilito.pt)

Porto

Fevereiro 2018

Os textos e as imagens utilizadas são da inteira responsabilidade dos autores.

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

# MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL: MEIO SÉCULO EM DEFESA DE UM PROJECTO CULTURAL

MARIA JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS\*  
TERESA SOEIRO\*\*

**Resumo:** Tendo o Museu Municipal de Penafiel uma existência mais recuada, foi no início dos anos sessenta do século XX que construiu a sua intervenção sistemática em defesa do património cultural. A leitura multifacetada desta tarefa engloba o apoio à gestão municipal e iniciativas próprias de investigação, registo, valorização e divulgação do património, bem como parcerias com a administração, universidades, museus, etc., nunca descurando as sinergias com a comunidade e o cuidado em cativar novos públicos, prioridade do serviço educativo.

Discutiremos: os diferentes modelos seguidos para estruturação do serviço dentro dos organogramas do município e sua eficácia; a capacidade de diálogo com terceiros e de captação de apoios; os programas desenvolvidos e a respectiva materialização em resultados.

**Palavras-chave:** Museu Municipal de Penafiel; Castro de Monte Mozinho; Projecto cultural integrado; Território e identidade.

**Abstract:** Penafiel's Municipal Museum built its active and systematic intervention defending cultural heritage in the early sixties of the past century. This multifaceted and wide reading task includes supporting municipal management and its own initiatives of research, registration, valuation and promotion of heritage, along with the establishment of partnerships with central administration, universities, museums, etc., without neglecting synergies with the local community and the care to captivate new audiences, a priority of the educational service.

We'll discuss: the different models of structuring within the municipality's organograms and its effectiveness; the capacity of dialogue with others and raising supports; the developed projects over these decades and its materialization in results.

**Keywords:** Penafiel's Municipal Museum; Castro de Monte Mozinho; Integrated cultural project; Territory and identity.

---

\* Museu Municipal de Penafiel. mj.santos@cm-penafiel.pt.

\*\* UPorto/FLUP – CITCEM. msoeiro@letras.up.pt.

... as comunidades, enquanto tais, necessitam de ancoradouros de memória, de sítios, de valores e de padrões, isto é, de um Património que seja o fundamento da sua consciência e lhes garanta a perspectivação do futuro<sup>1</sup>.

Vinte anos depois de Carlos Alberto Ferreira de Almeida escrever este texto programático, que são também duas décadas após a criação do DCTP na FLUP, do qual foi primeiro subscritor e a que de vária forma pertencemos, e outras tantas sobre a desafortunada partida, sem que o seu magistério se tenha esvaecido, quisemos trazer a este congresso uma reflexão sobre um dos projectos a que deu dimensão e originalidade, não só atendendo ao que pessoalmente fez como aos caminhos apontados – o Museu Municipal de Penafiel e o Castro de Monte Mozinho.

Como já tivemos ocasião de historiar<sup>2</sup>, o actual museu tem uma origem bem mais recuada do que a indicada no título. A exemplo de outras instituições museológicas locais e regionais, leva-nos ao gosto pelo coleccionismo privado do último quartel do séc. XIX, aqui representado pelo *Museu do Estrela* (<1896). Mas, em Penafiel, a actuação consistente tendo em vista reunir colecções para um desejado Museu Municipal, em consonância com a reabertura da Biblioteca (1927), identifica-se com Abílio Miranda (1893-1962), que concebeu ambas instituições como repositório da memória concelhia, cuja investigação incentivava e acolhia nas páginas da revista *Penha-Fidelis* (1927-1929) e publicações periódicas subsequentes.

Estes museus concelhios (e distritais) ganharam destaque nos anos 40, ao abrigo do Código Administrativo de 1936 e impulsionados pela dinâmica das comemorações do duplo centenário, o que também sucedeu em Penafiel. Abílio Miranda, delegado da Junta Nacional de Educação (1941) e membro do Núcleo Organizador do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral, no Porto, é agora o líder na refundação da Biblioteca (1947), a que pronto se juntará o Museu (de Arte, Arqueologia e Etnografia, 1948). Trabalhara para ele desde jovem «arrecadando em minha casa variadas achegas, algumas de grande valor arqueológico», mas «princiava a inquietar-me a ideia de que a minha morte iria aniquilar tão apreciável património histórico»<sup>3</sup>, que pôde finalmente doar em segurança, quando se viu acompanhado nesta missão de salvaguarda por uma *Comissão Municipal de Cultura* (1947-54), formalmente constituída, como deixa perceber em *Penafiel: Boletim Municipal de Cultura* (1947-1951).

Os monumentos e sítios arqueológicos constituíam as grandes atracções do património penafidense, quer os megalíticos, que por se encontrarem a descoberto

<sup>1</sup> ALMEIDA, 1998: 17.

<sup>2</sup> SOEIRO, 1994.

<sup>3</sup> *Comissão*, 1949: 8.

sobressaiam, já noticiados por Simão Rodrigues Ferreira (1812-1883), ou o Castro de Monte Mozinho, onde as visitas de eruditos e a publicação de estudos remontam a 1919, e as escavações autorizadas a 1943, sendo classificado como IIP em 1948<sup>4</sup>.

Após estas primeiras décadas suportadas pela quase obsessão *de um só homem* em recolher o que lhe parecia testemunho com valor de antiguidade, vemos emergir a seu lado uma geração de discípulos, academicamente mais bem preparados, que no início dos anos 60 desenha colectivamente uma estratégia de intervenção activa em defesa do património. Personificam este momento J. J. Mendes, vereador, e Ângelo Pimentel, director do Museu e novo delegado da JNE, mantendo ambos o ensino como actividade profissional. E esta é uma particularidade do projecto penafidense, espécie de corrida de estafetas, um jogo de equipa em que, até hoje, cada responsável pôde acompanhar o seu sucessor e passar-lhe o testemunho em segurança.

Com a Biblioteca-Museu por âncora, coube à C. M. Cultura dos anos 60, além de reformular a exposição e retomar as edições, o mérito de ter apresentado à Câmara (1962) uma proposta de definição da área do *centro histórico* e de protecção do seu urbanismo e edificado, com um proto-regulamento para a construção neste espaço, complementar da *Revisão do Antepiano de Urbanização*. Mas porque a preservação não se deveria cingir à cidade, pensaram também, de forma inovadora, que «quanto aos edifícios e outras construções disseminadas por toda a área rural do concelho deverá ser organizado, o mais rapidamente possível, o seu inventário, para uma eficiente aplicação das medidas»<sup>5</sup>. Esta postura de não ficar refém dos monumentos excepcionais e classificados alargou muito a perspectiva de preservação dos valores e marcou futuras actuações, reforçando também o vector de dinamismo e entrosamento com a sociedade, de que é exemplo a *1ª Exposição de Artesanato regional em Penafiel* (1967) e a recuperação da componente profana das festas do *Corpo de Deus*.

Linha de rumo e empenhamento voluntarista não chegaram para assegurar um regular funcionamento da instituição, e todo este ambicioso programa paralisa pela falta de afectação de espaço e de recursos humanos e financeiros. Encerrou em 1967 e demitiram-se os responsáveis no ano seguinte, não sem forte reacção dos cidadãos, obrigando a Câmara a reconsiderar, nomeando de imediato um vigilante para reabrir a Biblioteca-Museu, por muito tempo sua única e inexcusável funcionária. Este descoroçoante período não correu melhor para Mozinho, onde imagens da época mostram as estruturas descobertas e recuperadas por Elísio de Sousa novamente derruídas e o sítio abandonado.

<sup>4</sup> SOEIRO, 1998b.

<sup>5</sup> SANTOS, 1963: 32.

**Fig. 1.**  
 Castro de Monte Mozinho:  
 campanha de escavações  
 arqueológicas de 1976  
 dirigida por C. A. Ferreira de  
 Almeida (FLUP), que recebe a  
 visita de D. António Ferreira  
 Gomes (penafidense e Bispo  
 do Porto).  
 (MMPNF: Fot. Antony).



Nos anos setenta, a demanda por um arqueólogo para o Castro encontra Carlos Alberto Ferreira de Almeida. Depois, no tempo favorável trazido pela Revolução de Abril, conjugou-se o interesse científico com o empenho dos penafidenses: Mozinho ganhou vida, entre trabalhos arqueológicos, visitas de investigadores e uma enorme curiosidade da população<sup>6</sup>. Os impactos deste novo despertar para a defesa do património municipal, seu estudo e divulgação em círculos alargados constituem dívida que Penafiel e o Mozinho terão para sempre com C.A. Ferreira de Almeida, quer pelas inovadoras monografias que prontamente publicou em 1974 e 1977, quer pela forma como fez o sítio conhecido internacionalmente, paradigma dos momentos tardios da Cultura Castreja no encontro com Roma. Para lá da arqueologia e da história, deixou-nos outra lição: a da obrigação ética de devolver o investimento em património à comunidade local, para que o possa integrar e proteger perenemente, exercício de mediação começado logo em 1974, quando arqueólogos e população se reuniam para sessões de divulgação e debate.

Depois dos anos de escavação em Mozinho dirigida por aquele professor (1974-79) tornou-se ainda mais difícil parar a dinâmica gerada. Por indicação sua, a autarquia contactou a segunda autora, em 1981, solicitando apenas que realizasse uma escavação anual, apoiada com subsídio e alguma logística. Como a maioria das câmaras do país, esta continuava sem reconhecer a necessidade de contemplar nos seus quadros qualquer técnico de arqueologia, como também não o tinha de museografia, optando pelo recurso a trabalho voluntário. E sobre esta frágil base

<sup>6</sup> SOEIRO & CALO, 2014.



assentou um novo projecto. O programa de trabalhos inicial era linear: ano a ano ampliar estrategicamente a área escavada para obter nova informação científica e deixar à vista estruturas contínuas que facilitassem uma leitura significativa por parte dos visitantes; nos restantes meses, estudar o espólio do Museu, compilar bibliografia, inventariar sítios, registá-los e tentar recuperar memórias, para com todos os contributos construir um primeiro ensaio de síntese da história antiga deste espaço<sup>7</sup>.

Com esta sinalização das ocorrências passou o município a dispor de um mapeamento de locais sensíveis, colmatando a falta da *carta arqueológica* em que não investiu. A escavação atempada na Suvidade de Recezinhos (1985), ameaçada pela construção de uma rodovia, resultou deste prévio conhecimento. Outros achados arqueológicos foram imprevistos, mas com *amigos* pelo território e a resposta em tempo útil a que o Museu habituara a comunidade, a notícia depressa chegava, exigindo articulação com a tutela e programação, como sucederia com o casal romano da Bouça do Ouro (Boelhe) e as necrópoles de Montes Novos (Croca) e Monteiras (Bustelo), trabalhos divulgados nas publicações do Museu, em reuniões científicas e em exposições, dentro e fora do país. Todos se fizeram somando apoios diversificados: os do município; as verbas atribuídas pela tutela através do PNTA; os programas OTL e OTJ do FAOJ; a colaboração gratuita de colegas e estudantes da FLUP e de outros nacionais e estrangeiros; a participação pontual de centros de investigação, e muitas boas vontades.

Como desde 1985 (até 2007) a direcção do Museu foi atribuída pela autarquia, após anuimento da FLUP, à segunda signatária (necessariamente a título voluntário e gratuito), a intervenção tornou-se mais abrangente, com o objectivo de corresponder à diversidade da colecção e do património. Se primeiro havíamos cumprido o desiderato de A. Miranda ao aproveitar a riqueza dos recursos arqueológicos, agora competia, sem os esquecer, dirigir a atenção para outros patrimónios, como ensinara C.A. Ferreira de Almeida, e apoiar o crescimento e qualificação dos serviços, aproximá-los dos padrões nacionais aplicáveis, condicionantes para receber apoios europeus. Aliás, as exigências básicas de programação, infra-estruturas, equipamento e recursos humanos destas candidaturas foram, também em Penafiel, pedra de toque junto dos políticos. No Mozinho, toda a área escavada de 1943 a 1998 foi valorizada<sup>8</sup> e concebida a linha de comunicação com apoio do PRONORTE, Sub-Programa C (1997), sendo aprovado o projecto *Parque Arqueológico de Monte Mozinho*, com componente de acolhimento ao público e centro interpretativo que viria a ser executada através de candidaturas ao POC-ON e INTERREG – III A, já

---

<sup>7</sup> SOEIRO, 1984.

<sup>8</sup> SOEIRO, 1998a.



**Fig. 2.**  
Castro de Monte Mozinho (Oldrões/  
Galegos, Penafiel). O sítio arqueológico após  
as escavações FLUP/MMPNF (1974-98) e  
os trabalhos de preservação e valorização  
executados em 1998.  
(MMPNF: Fot. PENAGULÃO & BURNAY, 1998).

sob a coordenação de Teresa Pires de Carvalho, e inaugurada em 2004. Marcamos o primeiro destes momentos com a exposição e painel de estudos internacional *Monte Mozinho: 25 anos de trabalhos arqueológicos*, homenagem a C.A. Ferreira de Almeida, e o segundo com o colóquio *Castro, um lugar para habitar*, ambos com actas nos *Cadernos do Museu* (1998 e 2005).

Então, com apenas um funcionário no Museu, iniciou-se o alargamento do campo temático, aplicando de emergência os poucos recursos ao registo e interpretação do património que a albufeira iria submergir no baixo Tâmega, ocasião para recolher materiais usados em diferentes actividades económicas, publicados na revista de 1987-88 e mostrados ao público na exposição *Quando o Tâmega corria* (1991). Com esta experiência parecia estar encontrado o modelo possível para actuações futuras: eleição de uma temática, motivada ou não por conjuntura diferenciada; verificação da existência de fontes de informação e espólio afim no Museu; trabalho de campo intensivo, com significativa ajuda das J. Freguesia, funcionários municipais e *amigos*; recolha de imagem, estruturas e materiais (não preserváveis *in situ*) para a colecção; exposição e publicação, de preferência nas séries do Museu. A exposição de longa duração foi repensada em 1992, na mudança provisória de instalações, e reformulada em 2005, já com o apoio da Rede Portuguesa de Museus.

A evolução da orgânica dos serviços traduz, neste período, a crescente afirmação do Museu no seio da própria autarquia. O quadro de pessoal de 1996 já contemplou lugares de técnico superior e profissional de Museologia, Conservação e Restauro e de Arqueologia, estando preenchido apenas um, de técnico auxiliar de museografia, situação insustentável perante o crescimento e diversidade das solicitações. Em 2000 ingressa uma Arqueóloga, a primeira signatária do texto, assumindo desde então nova dinâmica, sobretudo na arqueologia urbana e preventiva, mas também na gestão e ordenamento do território, em estreita articulação com os serviços municipais competentes<sup>9</sup>. A esta nova situação corresponde a revisão do PDM e elaboração da Carta do Património, e a implementação de medidas e condicionantes de arqueologia preventiva no âmbito do licenciamento, com uma normalização de procedimentos técnicos e administrativos replicada em outros municípios, reforçando-se a importância do Museu na efectiva gestão patrimonial, voltada também para o apoio à definição de políticas culturais para as candidaturas de projectos que o III QCA permitiria desenvolver, como o das novas instalações para o núcleo-sede, adjudicado em 1996-97 e em obra desde 2004.

Entretanto decorreu o processo de credenciação, com adesão à RPM em 2003, salientando-se a relevância desta interacção na auto-reflexão sobre a missão, organização e programa, e na adopção de boas práticas de inventário e preservação. A RPM apoiou o estudo e divulgação das colecções de arqueologia, e o projecto *Ofícios e Indústrias*, dedicado à investigação destas temáticas<sup>10</sup>.

Pensado como expressão do território, o Museu não ficou confinado ao núcleo sede, na cidade. Tem há muito a umbilical ligação ao Castro de Monte Mozinho e juntou-se-lhes, em 2006, como memória da actividade moageira e local para educação ambiental, o *Moinho da Ponte de Novelas*<sup>11</sup> e, em 2013, o *Engenho de Azeite de Sebolido*. Caso de sucesso, resultante da capacidade de diálogo entre vários parceiros (Município, ADERSOUSA, J.F. de Lagares e população residente), com diversificada captação de apoios e gestão partilhada, é a recuperação da aldeia de Quintandona, que de espaço marginalizado se transformou em destino apetecível, membro das *Aldeias de Portugal*<sup>12</sup>. Outros exemplos contribuem para diversificar a oferta cultural, colocando à disposição do público um variado conjunto de sítios dotados das condições físicas e suporte de comunicação. É o caso do *Itinerário Arqueológico do Vale do Tâmega* (2009) e do *Percurso Patrimonial de Santa Marta* (2012), dinamizados pelo Serviço Educativo do Museu, ou da complexa intervenção

---

<sup>9</sup> SANTOS, 2005 e 2008a.

<sup>10</sup> p.e. SOEIRO, 2014-15.

<sup>11</sup> SOEIRO, 2006.

<sup>12</sup> SOEIRO, 2013a.

na envolvente da Igreja de Abragão, fruto da articulação com a comunidade e das parcerias com entidades culturais da região, nomeadamente a Rota do Românico<sup>13</sup>. Na mesma lógica, e por reconhecer o valor patrimonial desta manifestação, foi também o Museu que encetou o estudo das *Endoenças de Entre-os-Rios*<sup>14</sup> e completou o processo de inscrição no INPCI.

Aproximando-se a transferência para o novo edifício, a ampliação do quadro de pessoal impôs-se, sobretudo ao nível de técnicos superiores de museologia (1 em 2001+2 em 2008) e da contratação de um segundo de arqueologia. Ao longo dos 15 meses que antecederam a inauguração do novo espaço, a 24 de Março 2009, sem Direcção nomeada desde final de 2007, só oficialmente assumida pela primeira signatária em 2011, o esforço voltou-se para a redefinição da linha museográfica a executar na exposição permanente<sup>15</sup>. Após 60 anos de existência em espaços diminutos e improvisados, ficavam disponíveis e qualificados 1.250m<sup>2</sup> para exposição, 300m<sup>2</sup> para mostras temporárias, 500m<sup>2</sup> para serviço educativo e 1.200m<sup>2</sup> de reservas, além das áreas de serviço.

O modelo geral da museologia a implementar ficara traçado pela direcção em meados dos anos noventa. Só foi possível conceber o programa preliminar com o investimento de décadas no estudo das colecções, na inventariação sistemática do património do município e na investigação fundamental em períodos cronológicos significativos do devir do território. Houve ainda o cuidado de visitar experiências museográficas em funcionamento e de as discutir com os respectivos técnicos para tentar colmatar erros e omissões recorrentes. Com a selecção do edifício alvo de intervenção e o conhecimento acumulado, foram pré-definidos circuitos, temáticas e algumas condicionantes físicas das salas (p.e. duplo pé direito para a temática rio) antes de ser lançado o concurso para o projecto e apresentada a candidatura a fundos nacionais e comunitários. A primeira maqueta viria a ser mostrada ao público em 1997, seguindo-se muitas outras acções de divulgação, para que os membros da recém-criada Associação de Amigos (formalizada em 1999) e os penafidenses em geral interiorizassem este empreendimento como um desígnio colectivo.

Privilegiando um discurso expositivo apelativo, numa leitura abrangente mas coerente com a missão do Museu enquanto espaço de identidade, memória colectiva e expressão do território, estão patentes os conteúdos que reflectem a milenar ocupação humana do concelho, o registo dos quotidianos, sobretudo rural e ribeirinho, os principais ofícios e indústrias e o património imaterial associado, na sua

---

<sup>13</sup> SANTOS, 2008b.

<sup>14</sup> SOEIRO, 2013b.

<sup>15</sup> SANTOS, 2013.



**Fig. 3.** Fachada do Museu Municipal de Penafiel, instalado no palacete setecentista dos Pereira do Lago, em pleno centro histórico. Projecto de requalificação dos arquitectos Fernando Távora e José Bernardo Távora, inaugurado a 24 de Março de 2009. (MMPNF: Fot. Manuel Ribeiro, 2009).

expressão comum até meados do século XX. Manteve-se um espaço para mostras temporárias que retractam problemáticas específicas trabalhadas pelo Museu (p.e. bailes do Corpo de Deus 2012, cultivo do milho 2014 ou indústria do alumínio 2015), criando-se abertura para acolher iniciativas externas que diversificam públicos e parcerias, por exemplo nos domínios das artes plásticas, performativas, literárias e musicais, e até do desporto e lazer, enquanto casa que convida, acolhe e permite uma fruição pluralista, a exemplo da *Escritaria* ou do apoio ao teatro amador *Em cena no Museu*.

Outra prioridade foi a organização do Serviço Educativo e a concepção de programas adaptados à nova realidade, que captassem públicos infanto-juvenis, numa clara assumpção do Museu como equipamento de educação não formal ao dispor da comunidade. Como cerne da sua actuação, o SE visa a organização e dinamização de actividades de comunicação, disponibilizando, para diferentes públicos, visitas guiadas e mais de 30 oficinas, que podem decorrer no núcleo-sede, nos dependentes ou em circuitos patrimoniais. As actividades têm programação anual e exploram as temáticas específicas de cada sala/núcleo/mostra, calendarizando-se também iniciativas para a comemoração de datas evocativas. Procuram adaptar-se às necessidades específicas do grupo para melhor responder aos interesses e garantir a todos a acessibilidade às iniciativas, reforçando o entrosamento na sociedade,

a diversificação da oferta e o aprofundar do conhecimento<sup>16</sup>. O contínuo investimento nas acções do Serviço Educativo foi, em 2014, reconhecido com a atribuição, entre 130 candidatos, de uma Menção Honrosa do V *Prémio Ibero-Americano de Educação em Museus* do programa Ibermuseum.

Nos últimos anos, fiel aos princípios subjacentes à sua criação e dando continuidade à estratégia de intervenção activa em defesa do património cultural municipal, o Museu de Penafiel tem assegurado o seu posicionamento no panorama nacional, especialmente no que concerne às boas práticas da gestão patrimonial, apostando também na afirmação como unidade museológica de referência internacional. Após ter sido premiado pela APOM como *Melhor Museu Português* em 2010, o reconhecimento internacional deste projecto multifacetado chegou no mesmo ano, primeiro com a nomeação para o *European Museum of the Year Award* (2010) atribuída pelo Fórum Europeu dos Museus, a que se seguiu a integração no *Excellence Club* da Associação Europeia do Património, após apresentação pública, a convite, no evento anual *The Best in Heritage* (2012). Nesse ano, o Município era novamente distinguido pela APOM com o *Prémio Instituição*, pelo apoio à cultura em geral e pelo renovado projecto museológico em particular, recebendo ainda o prémio de *Melhor Website de Museus*, pela página [www.museudepenafiel.com](http://www.museudepenafiel.com), ferramenta de divulgação e comunicação fundamental na ligação com o público. Também em 2012, a convite do Comité Internacional do ICOM para os museus regionais, participou na conferência anual do ICR<sup>17</sup>.

O Museu de hoje é uma instituição cultural com instalações e recursos humanos qualificados, aberta aos seus públicos e à comunidade, como aliás sempre foi. Beneficia de um programa de comunicação mais dinâmico e que celebra, sem modéstia e de forma visível, a partilha dos seus feitos, utilizando o marketing, as novas tecnologias de informação e a comunicação social como instrumentos para a sua promoção e divulgação, ciente de que essa visibilidade tem como retorno um acréscimo de visitantes e a promoção da cidade e do concelho, assumindo-se também como recurso turístico e motor de desenvolvimento local.

Apesar disso, a estrutura do projecto mantém-se inalterada e o objectivo de leitura abrangente do património e do território continua prioritário. Exemplo dessa vontade foi a recuperação dos *bailes* do *Corpus Christi*, verdadeira ponte entre gerações, com a estreita colaboração com J.J. Mendes, antigo e estimado responsável do Museu, que assim viu realizado o plano por si traçado de renovar e tornar mais apelativa a festa da cidade com a reintrodução de 5 dos *bailes* desaparecidos, através da motivação de vários agentes locais que abraçaram o projecto. Em simul-

<sup>16</sup> SANTOS & MARQUES, 2011.

<sup>17</sup> SANTOS, 2015.



**Fig. 4.** Sala do Território, na exposição permanente, com museografia de Francisco Providência. Retrata o território penafidense nas mais diversas vertentes (geográfica, administrativa, histórica, monumental, turística, gastronómica) com recurso às novas tecnologias interactivas. (MMPNF: Fot. Luís Ferreira Alves, 2009).

tâneo, fixou-se para a posterioridade, em partitura e registo sonoro, a componente musical, edição em parceria<sup>18</sup>.

A materialização dessa linha condutora, de uma leitura integrada do património, consubstancia-se na continuidade da investigação científica e da preservação, com vários sítios entretanto escavados (Mosteiro das Freiras 2001/08, Santo Amaro 2009/11, São Bartolomeu 2013, Castelo de Anegia 2012/16, Duas Igrejas 2015/16), e em outros resultados, como as mais de 30 intervenções efectuadas ao nível da arqueologia urbana e preventiva, a classificação de património em estreito diálogo com as entidades competentes (Castelo de Penafiel e Còto da Cidade), a constante prospecção, identificação e reconhecimento de novos sítios, as acções de salvamento e registo do património arqueológico e vernacular ou ainda os vários projectos de recuperação, valorização e promoção patrimonial executados, sem protelar o contínuo estudo das colecções, as incorporações e a concepção de exposições. São ainda da responsabilidade de técnicos e colaboradores próximos vários projectos de investigação e trabalhos académicos, dezenas de artigos publicados em Portugal e no estrangeiro e outras tantas comunicações em reuniões científicas, dando-se continuidade às linhas editoriais do Museu.

Apontamos, como caminhos futuros deste projecto multifacetado, complementares e indissociáveis, quatro linhas de actuação: manutenção de uma intervenção na gestão do património cultural através do registo, investigação, salvaguarda e valorização; divulgação dos resultados em diferentes canais como meio de garantir o acesso à cultura e a fruição da comunidade e de diferentes públicos, salvaguardando a identidade e memória colectivas para o futuro; grande abertura e o acolhimento

<sup>18</sup> SARDINHA, 2012.

Fig. 5.

Moinho da Ponte de Novelas, extensão museológica do Museu Municipal de Penafiel, inaugurada em Maio de 2006. Privilegia a divulgação do património tecnológico e da memória moageira, bem como o conhecimento do ambiente ripícola. (MMPNF: Fot. Maria José Santos, 2010).



de iniciativas externas, conducentes à apropriação cultural e afectiva por parte da população, desenvolvendo esforços no estabelecimento de parcerias e captação de apoios diversificados, numa perspectiva de intercâmbio na gestão patrimonial e ampliação das colecções; reforço do papel do Museu, através das acções do SE, como recurso educativo e turístico, consolidando-se enquanto instituição de educação não formal e motor do desenvolvimento local.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. A. F. de (1998) – *Património: o seu entendimento e a sua gestão*. Porto: Edições Etnos.
- Comissão Municipal de Cultura (1949) – «Penafiel. Boletim da Comissão Municipal de Cultura», vol. 4. Penafiel: Câmara Municipal.
- SANTOS, M. J. F. (2005) – *A gestão municipal do património: o caso de Penafiel*. In SILVA, A. M. S. P., coord. – *Cartas Arqueológicas: do inventário à salvaguarda e valorização do património*. Arouca: Câmara Municipal, p. 39-44.
- SANTOS, M. J. M. C. F. (2008a) – *Intervenção no património arqueológico de Penafiel: protecção, valorização e divulgação*. «Oppidum», número especial. Lousada, p. 213-226.
- , coord. (2008b) – *Igreja de S. Pedro de Abragão: redescobrir um templo românico*. Penafiel: Museu Municipal.
- (2013) – *Museu Municipal de Penafiel. Boletim «Informação ICOM.PT», série II, n.º 19, p. 9-16.*
- (2015) – *The traditional cuisine of Penafiel in the context of Portuguese Food History*. In *Regional museums and local gastronomic heritage. Proceedings of the 2011 and 2012 ICR Conferences*. Slovenia, p. 201-211.
- SANTOS, M. J.; MARQUES, R. (2011) – *Um museu de memórias e afectos. O Serviço Educativo do Museu Municipal de Penafiel*. «Solta Palavra», n.º 17. CRILIJ, p. 44-46.



- SANTOS, M. R. B. R. (1963) – *Um ano de actividades da Comissão Municipal de Cultura*. «Penafiel: Boletim da Comissão Municipal de Cultura de Penafiel», 2ª série, vol. 1. Penafiel, p. 30-38.
- SARDINHA, J. A. (2012) – *Danças populares do Corpus Christi de Penafiel*. Vila Verde: Tradisom.
- SOEIRO, T. (1984) – *Monte Mozinho: Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana*. «Penafiel: Boletim Municipal de Cultura», 3ª série, vol. 1, Penafiel p. 5-232.
- (1994) – *Um Museu Municipal para Penafiel. 1884 – 1974*. «Portugalia», nova série, vol. 15. Porto, p. 83-134.
- (1998a) – *Monte Mozinho. Sítio arqueológico*. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel [2ª ed. em 2005].
- (1998b) – *Monte Mozinho: 25 anos de trabalhos arqueológicos. Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida*. «Cadernos do Museu», vol. 2. Penafiel, p. 11-22.
- (2006) – *O ocaso das moagens do rio Sousa no Município de Penafiel*. Penafiel: Museu Municipal.
- (2013a) – *Quintandona. As muitas vidas de uma aldeia*. Penafiel: Museu Municipal.
- (2013b) – *A Rua do Burgo de Entre-os-Rios*. Penafiel: Museu Municipal/Ed. Cão Menor.
- (2014-15) – *Os ofícios do ferro em Penafiel: ferreiros e candeeiros*. «Cadernos do Museu», vol. 14. Penafiel, p. 5-146.
- SOEIRO, T.; CALO LOURIDO, F. (2014) – *Escavações de Monte Mozinho (1974-1998): projecto territorial e lugar de encontro de Callaecia*. «Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património», vol. 13. Porto, p. 143-158.